

PEQUENO PREFÁCIO DEDICADO A UMA
GRANDE OBRA.

ORLANDO MARQUES DE PAIVA
Reitor da Universidade de São Paulo .

Recuemos um pouco no tempo . Voltemos a 1937 e mais precisamente à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo . Dois homens , mestre e discípulo , Fernand Paul Braudel e Eurípedes Simões de Paula sonham lançar revista , com o fito de proporcionar a estudiosos de história a divulgação de seus trabalhos . Não o sonho *ilusão de quem não pode ter ilusões*, mas o sonho-ideia e m germinação , forma de expectativa , de apressamento do futuro . Deseja m favorecer a difusão da s pesquisas nascidas do amor a o estudo e magistério . Não o desejo de esperança de que m ne m pode tê-la , mas o desejo-compromisso , maneira de empenhar a fé . O futuro , todavia , tarda a chegar , mais do que merecia m tanto entusiasmo e dedicação e m antecipá-lo . Corre m os primeiros meses de 1950 e é quando a publicação afinal aparece . Dão-lh e apoio , de imediato, historiadores de São Paulo e do Rio de Janeiro . O número inaugural traz , à guisa de prefácio , um programa que espelha a largueza de espírito de seu autor , Eurípedes Simões de Paula , sustentado adeptos da fórmula de Febvre e "História , Ciência do Homem" . Por isso , a um tempo pede e oferece . Pede , irrestritamente , a colaboração de todos: economistas , sociólogos , políticos , religiosos , literatos , filósofos e cientistas . E , desimpedidamente , a todos oferece a s páginas da revista... com o se chamaria ? Consultado , Fidelino de Figueiredo assente na revivescência do título *Revista de História*, órgão que dirigira durante alguns anos .

VIII

Abre-se assim caminhar o rumo a o amanhã contingente do primeiro periódico brasileiro, no gênero. E se as seções de que inicialmente se compôs permitem, de imediato, identificá-lhe o modelo seguido, os predicados de seu ilustrador e fundador, pleno de humanismo, possibilitam já prognosticar-lhe individualidade destino vitorioso.

De fato, passados 25 anos, vividos para a história e pela história, vêmo-lo a competir com os congêneres de projeção internacional na tarefa infinita de interpretá-la e reavaliá-la, à luz da *consciência que os historiadores têm de si mesmos na realidade histórica*.

Edita-se agora, para comemorá-los, o centésimo número desse notável veículo de aproximação cultural, qual prova da inalterada regularidade que lhe imprimiu Eurípedes Simões de Paula. Surge, com o Volume L, novo marco no roteiro da *Revista de História* a assinalar, como se necessário fora, o valor de uma obra feita de abnegação, fruto do desvelo integral desse preclaro mestre, e em permanente estado de disponibilidade espiritual.

O sonho deu certo, mas, adiou-se o amanhã e suas aderentes contingências; o desejo tornou realidade e despegou-se da esperança, que esta precisa amparar outros projetos; o futuro afasta-se rumo a fronteiras infindavelmente transmutadas; o mesmo receptivo alguém continua a postos, absorto, talvez a meditar sobre a *história que poderia ter sido* ou, quem sabe, fascinado pela incógnita da que poderá ser.

Não lhe perturbemos as reflexões com os nossos aplausos, em bora merecidos.